



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

STÉFANY PIRES DE CARVALHO

A jornada da heroína no filme “Moana - Um mar de aventuras”

Uberlândia
2023

Stéfany Pires de Carvalho

A jornada da heroína no filme “Moana - Um mar de aventuras”

Trabalho apresentado ao Curso de Graduação e Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito para a obtenção de aprovação na disciplina de TCC.

Área de concentração: Ciências Humanas.

Orientadora: Prof. Dr. José Benedito de Almeida Júnior
Universidade Federal de Uberlândia

Uberlândia
Curso de Filosofia da UFU
2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

CURSO DE GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

FOLHA DE APROVAÇÃO

Stéfany Pires de Carvalho

A jornada da heroína no filme “Moana - Um mar de aventuras”

Trabalho apresentado ao Curso de Graduação e Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito para a obtenção de aprovação na disciplina de TCC.

Aprovado em: de de 2023

BANCA EXAMINADORA

José Benedito de Almeida Júnior, Professor Doutor, Universidade Federal de Uberlândia

Carolina Silva de Almeida, Professora Mestre, Universidade Federal de Uberlândia

Aos meus pais e irmã.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais por todo apoio durante a minha formação.

Ao Prof. Dr. José Benedito de Almeida Júnior, pela paciência e excelente orientação.

À Prof. Me. Carolina Silva de Almeida, por participar da banca.

À Universidade Federal de Uberlândia.

Ao Instituto de Filosofia.

Ao Ericksen, por toda a ajuda.

Aos meus colegas de turma.

A todas as amigas e os amigos que durante esses anos me ajudaram de alguma forma a chegar até aqui.

Sumário

RESUMO	7
INTRODUÇÃO	9
<i>Capítulo 1: A jornada heroica</i>	10
<i>Capítulo 2: Análise do filme</i>	20
<i>“Moana - Um mar de aventuras”</i>	20
CONCLUSÃO.....	31
REFERÊNCIAS	32

RESUMO

O objetivo deste trabalho será apresentar os conceitos filosóficos de sagrado e profano e a jornada do herói a partir da obra de Mircea Eliade, em especial, “O Sagrado e o Profano” (2020), bem como “O herói de mil faces” (2013) de Joseph Campbell, sendo ambos fundamentais para os estudos de religião no século XX. Dessa forma, serão estudados os conceitos que rodeiam o entendimento do que é sagrado e o que é profano, buscando compreender a sua interferência no mundo e na experiência de vida que essas duas visões proporcionam ao ser humano. Para isso, serão utilizados exemplos que demonstrem as duas experiências no mundo atual e o peso que os mitos ainda têm na vida do homem moderno, por meio de filmes, por exemplo, apesar da sua tentativa de viver uma vida o mais dessacralizada possível. Além disso, será apresentada a jornada da heroína e o impacto dessa jornada no desenvolvimento espiritual, no crescimento e no aprendizado da mulher a partir da obra "A jornada da heroína - A busca da mulher para se reconectar com o feminino" (2022), de Maureen Murdock, além de utilizar alguns conceitos da jornada do herói apresentados por Joseph Campbell. Sendo assim, em um primeiro momento, iremos trabalhar a jornada do herói de Campbell, compreendendo o seu ciclo e suas etapas, além de pretender perceber a presença dessa jornada heroica no cotidiano das pessoas, principalmente por meio de filmes. Em seguida, buscaremos apresentar a jornada da heroína proposta por Murdock, trabalhando as implicações dessa jornada na vida e em alguns aspectos psicológicos da mulher, visando estabelecer uma relação entre a ideia da filósofa e aquela exposta por Campbell. Além disso, durante o segundo capítulo, será feita a análise do filme da Disney "Moana - Um mar de aventuras" buscando demonstrar a relação entre as duas jornadas.

PALAVRAS-CHAVE: JORNADA DA HEROÍNA; SAGRADO; PROFANO; MOANA; FILME.

ABSTRACT

The objective of this work will be to present the philosophical concepts of sacred and profane and the hero's journey from the work of Mircea Eliade, in particular, "The Sacred and the Profane" (2020), as well as "The Hero with a Thousand Faces" (2013) by Joseph Campbell, both being fundamental for the studies of religion in the twentieth century. The concepts that surround the understanding of what is sacred and what is profane will be studied, seeking to understand their interference in the world and in the life experience that these two visions provide to the human being. For this, examples will be used that demonstrate the two experiences in today's world and the weight that myths still have in the life of modern man, through films, for example, despite their attempt to live a life as desacralized as possible. In addition, the heroine's journey and the impact of this journey on women's spiritual development, growth, and learning will be presented from the work "The Heroine's Journey - Women's Search to Reconnect with the Feminine" (2022), by Maureen Murdock, in addition to using some concepts of the hero's journey presented by Joseph Campbell. Therefore, at first, we will work on Campbell's hero's journey, understanding its cycle and its stages, in addition to intending to perceive the presence of this heroic journey in people's daily lives, mainly through films. Then, we will try to present the heroine's journey proposed by Murdock, working on the implications of this journey in the life and in some psychological aspects of women, aiming to establish a relationship between the philosopher's idea and the one exposed by Campbell. In addition, during the second chapter, the analysis of the Disney film "Moana - A Sea of Adventures" will be made seeking to demonstrate the relationship between the two journeys.

KEYWORDS: heroine's journey; sacred; profane; Moana; film.

INTRODUÇÃO

O seguinte trabalho busca apresentar conceitos importantes na área da filosofia da religião, como a jornada heroica, o sagrado, o profano, o mito e o rito, se propondo a fazer uma aproximação entre a visão acadêmica de tais conceitos e sua aplicação no cotidiano, na vida do homem religioso e do homem moderno, por meio da jornada do herói presente nos mitos e em animações, por exemplo. O filme escolhido, apesar de ser considerado um filme infantil, carrega uma narrativa mitológica presente na cultura da Polinésia além de apresentar a jornada heroica proposta por Campbell e com uma personagem principal feminina, que também encara a jornada de Murdock.

Com o desenvolvimento da sociedade moderna, as narrativas mitológicas, que anteriormente davam sentido à vida do homem, começaram a ser desmistificadas e assim, a vida passou a ser maçante e sem sentido para aqueles que buscam pela vida dessacralizada. Desse modo, filmes, animações e ficções em geral ocuparam, na vida do homem moderno, o lugar do mito e da religião. Essas relações entre o homem e a mitologia são amplamente estudadas por vários pesquisadores, dentre eles destaco principalmente os autores que serão utilizados neste trabalho, como Mircea Eliade e sua obra “O sagrado e o profano”, Joseph Campbell e “O herói de mil faces” e José Benedito de Almeida Júnior com a “Introdução à mitologia”. No entanto, há diversos outros pesquisadores como Jung, Rudolf Otto e Clyde Ford que também se aprofundaram nesse assunto.

Durante o desenvolvimento deste trabalho, foi possível perceber a influência muito presente do pensamento aristotélico nas produções artísticas, como a animação analisada e as demais obras citadas, como Harry Potter, Senhor dos anéis e outros. Além disso, ao analisar a jornada da heroína de Maureen Murdock e o trabalho desenvolvido pela antropóloga Margaret Mead nas tribos Arapesh, Mundugumor e Tchambuli, pode-se refletir sobre a construção social de gênero e como ela pode ser divergente em diferentes culturas e sociedades.

Capítulo 1: A jornada heroica

“Mitologia é a canção do universo tão enraizada no nosso inconsciente coletivo que dançamos ao som dela mesmo sem saber o nome da melodia”

Joseph Campbell

Neste capítulo pretendo me basear principalmente nas obras “O herói de mil faces” de Joseph Campbell e “O sagrado e o profano” de Mircea Eliade. Assim será necessário expor sobre a jornada do herói proposta por Campbell, que apresenta um percurso padrão presente na aventura mitológica e sendo, de certa forma, a ampliação daquilo que pode ser encontrado em rituais de passagem, por exemplo, seguindo a ordem de acontecimentos: o chamado para a aventura, a iniciação e o retorno.

Um herói vindo do mundo cotidiano se aventura numa região de prodígios sobrenaturais; ali encontra fabulosas forças e obtém uma vitória decisiva; o herói retorna de sua misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes. (CAMPBELL, 2013, p.36)

O chamado pode ocorrer de várias maneiras, Campbell dá o exemplo do erro. É possível que por meio de um erro cometido pelo herói ou heroína da narrativa analisada, a personagem entre “numa relação com forças que não são plenamente compreendidas” (Campbell, 2013, p.60). Por exemplo, como usado por Campbell, a história da princesa e do sapo na qual a princesa perde a sua bola e por isso encontra o sapo, dando assim início a sua jornada.

Geralmente, a heroína ou o herói possuem dons especiais que os diferenciam das demais pessoas, o que constantemente resulta na sua exclusão social. Como exemplo, pode-se analisar a história de Harry Potter que era excluído pelos seus familiares e colegas de escola por ser diferente e conseguir realizar feitos impossíveis para seres não mágicos. Na mitologia, vários heróis apresentam dons especiais como Hércules com a sua força, Atalanta com a sua rapidez e habilidades de caça e Orfeu com a sua música. Esses heróis, na maioria das vezes, sentem a necessidade de se separar do mundo em que estão inseridos para buscar o conhecimento de quem realmente são.

No entanto, o chamado pode ser recusado. Campbell afirma que fica claro nos mitos e contos de fadas que essa recusa se dá pelo fato da personagem apresentar certa relutância em renunciar àquilo que considera de interesse próprio, uma vez que:

O futuro não é encarado em termos de uma série incessante de mortes e nascimentos, e sim em termos de obtenção e proteção do atual sistema de ideias, virtudes, objetivos e vantagens. (CAMPBELL, 2013, p.67)

O filósofo apresenta também o exemplo da fuga da ninfa Dafne, filha do rio Peneu, ao chamado do deus grego Apolo. Enquanto o deus, movido pela sua esperança e seu amor, a persegue implorando que ela dê um fim à sua fuga, a ninfa mantém a sua corrida desesperada até, por fim, chegar às águas de seu pai e ali conseguir refúgio. No entanto, ao

solicitar essa proteção e recusar o chamado de Apolo, a ninfa é transformada em uma árvore, tendo um final doloroso e sem recompensas, como afirma Campbell.

Esse fim trágico da ninfa Dafne pode ser relacionado com a literatura psicanalítica uma vez que ela representa uma fixação desesperada. O autor afirma que ela representa a incapacidade de “abandonar o ego infantil, com sua esfera de relacionamentos e ideias emocionais”. As figuras paterna e materna são, como afirma Campbell, guardiões das vias de acesso e, com medo de possíveis punições, a pessoa presa a essas figuras não consegue se desprender delas e “alcançar o nascimento no mundo exterior”.

Por outro lado, ao aceitar o chamado, o primeiro encontro da heroína ou do herói será com um ser protetor, podendo ser mais de uma figura, que lhe fornecerá auxílio sobrenatural. José Benedito (2017) afirma que “a iniciação ocorre quando o herói descobre um novo mundo onde seus dons especiais são valiosos”, assim, esse mentor poderá ajudá-lo a melhorar as suas habilidades, além de oferecer objetos de proteção que serão de grande ajuda durante o caminho de provas a ser percorrido. Nesse caso, podemos citar o amuleto e a ajuda que Moana, personagem da Disney, recebe do oceano. Ademais, esse ser protetor estará presente em momentos decisivos na jornada para apoiar o herói ou a heroína, por meio de ensinamentos e dicas que ajudem no desenvolvimento da autoconfiança, como exposto por Campbell nas seguintes passagens:

O herói ao qual esse tipo de auxiliar aparece é, tipicamente, o herói que atendeu ao chamado. O chamado foi, na verdade, o primeiro anúncio do aparecimento desse sacerdote iniciatório. (CAMPBELL, 2013, p.77)

Essa figura representa o poder benigno e protetor do destino. [...] Tendo respondido ao seu próprio chamado, e prosseguido corajosamente conforme se desenrolam as consequências, o herói encontra todas as forças do inconsciente ao seu lado. (CAMPBELL, 2013, p.76)

Após ter aceitado o chamado, a heroína deve fazer a travessia entre o mundo comum e o mundo extraordinário. No entanto, essa passagem é o primeiro desafio a ser enfrentado nessa jornada, na qual o herói e seu mentor se deparam com o que Campbell denomina de “guardião do limiar”. Esse guardião pode ser um indivíduo que guarda esse novo mundo ou até mesmo situações de dificuldade as quais a heroína deverá superar para alcançar o mundo sobrenatural, por exemplo, o recife de corais para a Moana ou a passagem pela plataforma secreta que leva Harry Potter ao trem com destino a Hogwarts. Assim, Joseph Campbell afirma que “além desses limites, estão as trevas, o desconhecido e o perigo” que a heroína e o herói deverão enfrentar na sua jornada.

Tendo saído do mundo cotidiano para se aventurar em uma região onde ocorrem os eventos extraordinários, o herói ou a heroína passam pela iniciação ou caminho de provas, que se demonstra ser o ponto central do mito-aventura. Nesse momento a heroína consegue superar os desafios, segundo Campbell, auxiliada pelos amuletos e pelos agentes secretos que havia encontrado antes de ultrapassar o limite entre o mundo cotidiano e o mundo sobrenatural.

A ideia de que a passagem do limiar mágico é uma passagem para uma esfera de renascimento é simbolizada na imagem mundial do útero, ou ventre da baleia. O herói, em lugar de conquistar ou aplacar a força do limiar, é jogado no desconhecido, dando a impressão de que morreu (CAMPBELL, 2013, p.91)

Para Campbell, a passagem pelo limiar é uma forma de auto aniquilação. Assim, ao entrar no “ventre da baleia” ou no mundo sobrenatural, a heroína, de certa forma, morre em sua vida anterior para que possa renascer após a sua jornada. O filósofo ainda afirma que essa travessia corresponde a entrada de um fiel em um templo, uma vez que “no interior do templo, pode-se dizer que ele morreu para a temporalidade e retornou ao Útero do Mundo, Centro do Mundo, Paraíso Terrestre”.

Para compreender essa saída da temporalidade e o ingresso ao Útero do Mundo ou Centro do mundo, é importante compreender alguns conceitos apresentados por Mircea Eliade na obra “O sagrado e o profano”, na qual ele faz uma importante separação entre o homem religioso e o homem moderno. Segundo o autor, o homem religioso é aquele que deseja estar sempre o mais próximo possível do sagrado, que para ele é a única realidade existente, enquanto o homem moderno não enxerga mais sentido nos mitos e tenta viver uma vida dessacralizada e neutra.

[...] nessa experiência do espaço profano ainda intervêm valores que, de algum modo, lembram a não-homogeneidade específica da experiência religiosa do espaço. Existem, por exemplo, locais privilegiados, qualitativamente diferentes dos outros: a paisagem natal ou os sítios dos primeiros amores [...]. Todos esses locais guardam, mesmo para o homem mais francamente não-religioso, uma qualidade excepcional, “única”: são os “lugares sagrados” do seu universo privado, como se neles um ser não-religioso tivesse tido a revelação de uma *outra* realidade, diferente daquela de que participava em sua existência cotidiana. (ELIADE, 2020, p.28)

Para o homem religioso tanto o espaço quanto o tempo não são homogêneos. Ele acredita que há roturas em ambos que permite que hierofanias, ou manifestações do sagrado aconteçam no mundo. Dessa forma, há porções do espaço qualitativamente

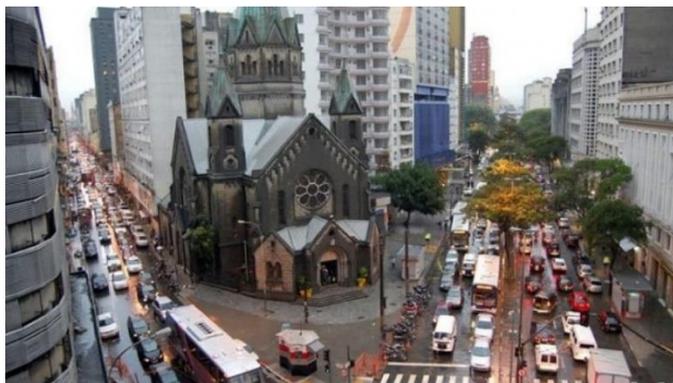
diferentes das outras, sendo essas porções, para o homem religioso, as únicas que realmente existem, pois é nesse espaço que o sagrado se manifesta, isto é, onde o real se revela. Dessa forma, essa é a principal diferença entre a não homogeneidade revelada ao homem religioso e ao não religioso. Para o homem religioso, o que torna um espaço real e diferente do território que o cerca é a manifestação do sagrado, enquanto para o homem moderno o que torna um espaço único são suas experiências pessoais e não cotidianas.

Segundo o estudioso, a revelação de um espaço sagrado permite que um “ponto fixo” ou eixo central do mundo seja obtido, sendo assim uma forma de orientação na homogeneidade caótica para a “fundação do mundo”. A escolha dos territórios sagrados não é livre ao homem, é necessário que haja uma hierofania no local para que esse se destaque no meio cósmico. Quando não há a manifestação de um sinal, ele é provocado por uma evocação das formas ou figuras sagradas, para que a orientação necessária seja obtida. Por exemplo, em certas religiões, acredita-se que os animais podem mostrar o melhor lugar para o fundamento de um santuário ou aldeia.

Na obra “O sagrado e o profano”, Eliade apresenta o “sistema mundo” das sociedades tradicionais como sendo o seguinte:

(a) um lugar sagrado constitui uma rotura na homogeneidade do espaço; (b) essa rotura é simbolizada por uma “abertura”, pela qual se tornou possível a passagem de uma região cósmica a outra (do Céu à Terra e vice-versa; da Terra para o mundo inferior); (c) a comunicação com o Céu é expressa indiferentemente por certo número de imagens referentes todas elas ao *Axis mundi*: pilar (cf. a *universalis columna*), escada (cf. a escada de Jacó), montanha, árvore, cipós etc; (d) em torno desse eixo cósmico estende-se o “Mundo” (“nosso mundo”) - logo, o eixo encontra-se “ao meio”, no “umbigo da Terra”, é o Centro do Mundo. (ELIADE, 2020, p. 38)

As sociedades tradicionais se organizavam de acordo com o local que, para elas, era o Centro do mundo, pois o homem religioso deseja viver o mais próximo possível desse ponto de comunicação entre as três zonas cósmicas, uma vez que o Universo teria a sua origem a partir do seu Centro. Desse modo, imitando a criação do Universo, as aldeias eram constituídas a partir de um ponto central e expandidas na direção dos quatro pontos cardeais, ficando localizada nesse espaço central a casa cultural ou santuário.



Paróquia Nossa Senhora da Conceição – Santa Ifigênia, São Paulo

Assim como há o espaço sagrado e o espaço profano, há também o tempo seguindo essa mesma separação. No entanto, o homem religioso não vive toda a sua vida no tempo sagrado. Existem intervalos no tempo que são conhecidos como “sagrados” e, é por meio dos ritos ou festas religiosas, que o homem religioso pode se “transportar” do tempo profano para o tempo sagrado, o tempo mítico primordial que é reatualizado e tornado presente.

Dessa forma, os mitos são muito importantes para o homem religioso, pois eles são narrativas sagradas que servem de “pano de fundo” para os ritos, ou seja, contam a história dos deuses e entidades, que na maioria das vezes apresentam a “jornada do herói” de Campbell. Sendo esse herói ou heroína apresentados por Campbell pessoas que realizaram uma atividade excepcional, ou seja, tem dons especiais, eles acabam ultrapassando a esfera do comum. Dessa forma, esses heróis são exemplos para os demais homens, podendo ser encontrados em diversas narrativas e religiões, como Jesus no cristianismo, Buda no budismo e Maomé no islamismo.

Os ritos são a vivificação das histórias narradas pelos mitos, eles permitem que o homem religioso viva aquilo que os seus heróis passaram e, como citado anteriormente, proporcionam que o *homo religiosus* experiencie o tempo sagrado de forma presente, ou seja, como contemporâneos de seus deuses. Assim, os mitos são narrativas de algo que, para o homem religioso, realmente aconteceu e pode ser atualizado e revivido constantemente.

Segundo Campbell, os mitos servem para elevar o indivíduo até um nível espiritual de consciência. Por exemplo, ao entrar em uma catedral, um espaço sagrado, a pessoa se depara com o mistério espiritual, com um espaço e um tempo diferentes do mundo comum, assim, a consciência é elevada a um nível diferente daquele que se encontrava no mundo. No entanto, ao deixar o espaço sagrado e voltar para o profano, a consciência tende a voltar ao seu nível original. Assim, de acordo com Joseph Campbell,

certas orações e meditações, em sua maioria, narrativas sagradas, tem o propósito de manter a consciência nesse mesmo estado de elevação que se encontrava dentro do espaço sagrado, vivendo o tempo sagrado.

Dessa forma, Eliade afirma que o homem religioso se recusa a viver unicamente nos tempos que denominamos como moderno, esforçando-se para voltar a um tempo sagrado, que pode ser comparado à “Eternidade”. De certa forma, o homem não-religioso também conhece uma descontinuidade do tempo, existindo o tempo do trabalho e o tempo do lazer ou “tempo festivo”. No entanto, para o homem moderno, o tempo não pode apresentar um “mistério” ou ruptura, trata-se de uma experiência totalmente humana na qual nenhuma divindade pode se inserir.

Sendo assim, o espaço sagrado é onde houve ou há a manifestação do divino e é por meio de um “ponto fixo”, que demarca o Centro do Mundo, pelo qual o homem religioso orienta a sua vida, constrói a sua aldeia e tenta sempre se manter o mais próximo do sagrado. Nessa sua sede pelo real, o homem religioso toma conhecimento de certas datas que carregam em si uma ruptura com o tempo profano. Nesses intervalos ele, por meio do rito, volta ao tempo mítico primordial tornando-o novamente presente e atualizado.

Assim, ao afirmar que no interior do templo ou no mundo sobrenatural, o herói ou a heroína morrem para a temporalidade e retornam ao Útero ou Centro do Mundo, pode-se entender essa passagem do tempo e espaço profano para o sagrado. Dessa forma, ao se encontrar nesse espaço diferente, a segunda etapa da jornada heroica tem início, a iniciação com o caminho de provas. Nesse momento, a heroína enfrenta seus primeiros testes, faz aliados além do seu mentor sobrenatural e tem seus primeiros embates com os inimigos que contribuem na preparação da personagem com a superação de desafios cada vez mais difíceis.

Geralmente, nas histórias há um primeiro encontro entre a heroína e aquela que será a sua provação suprema. Nesse momento, a batalha costuma ser perdida, fazendo com que a confiança do herói ou da heroína seja abalada, como aconteceu com Moana em sua primeira investida contra Te Ka. Após ser derrotada, Moana e Maui, aliado da heroína, perdem as esperanças e acabam se afastando, no entanto, a mentora de Moana aparece para lhe fornecer apoio e ajuda para recobrar sua autoconfiança. Assim, acontece o segundo confronto, com o herói ou a heroína mais confiante de si e, na maioria das histórias, é nesse momento que a vitória é alcançada.

Tendo terminado a sua aventura, seja por “intermédio de alguma graça personificada masculina ou feminina, humana ou animal” (Campbell, 2013, p. 195), o herói ou a heroína retorna do mundo sobrenatural portando benefícios ao seu povo, sendo estes capazes de transformar a vida de todos. Dessa forma a jornada heroica termina nos mitos e contos de fadas. No entanto, essa jornada tem um grande poder sobre a psique humana e pode ser percebida até em nossos sonhos, como Campbell apresenta vários exemplos em sua obra.

A jornada heroica proposta por Campbell pode ser percebida em várias obras cinematográficas e literárias, como os exemplos da Moana e Harry Potter citados anteriormente, entretanto, essa lista pode ser bem maior, podendo citar personagens como o Homem Aranha e demais heróis de franquias como Marvel e DC, os filmes de Star Wars e até mesmo algumas princesas da Disney como Mulan, Merida e tantas outras. Essa popularização desse modelo de história se dá pela identificação do público com as personagens, que pode ser entendida a partir de alguns conceitos trabalhados por Aristóteles na “Poética”.

Na obra “Poética” a tragédia é apresentada em posição de destaque, devendo provocar temor e pena nos espectadores, enquanto a comédia desperta a simpatia e, segundo o pensador grego, seria inferior à tragédia. Para o filósofo, a primeira é uma arte mimética que imita “uma ação de caráter elevado, completa e de certa extensão, em linguagem ornamentada e com várias espécies de ornamentos distribuídas pelas diversas partes [do drama], [imitação que se efetua] não por narrativa, mas mediante atores, e que, suscitando o terror e a piedade, tem por efeito a purificação (catarse) dessas emoções.” (VI, 1449b 24), ou seja, a tragédia imita ações que refletem grandeza e elevação moral, diferente da comédia que, para Aristóteles, imita qualidades inferiores.

Assim, o filósofo afirma: “Mas como os imitadores imitam homens que praticam alguma ação, e estes, necessariamente, são indivíduos de elevada ou de baixa índole [...], necessariamente também sucederá que os poetas imitam homens melhores, piores ou iguais a nós. [...] Pois a mesma diferença separa a tragédia da comédia: procura esta imitar os homens piores, e aquela, melhores do eles ordinariamente são.” (II, 1448a 7)

Ao afirmar que a tragédia possui certa extensão e linguagem ornamentada, Aristóteles quer dizer que a representação trágica deve acontecer com um limite que permita as ações ocorrerem uma após a outra, fazendo-se possível a passagem da infelicidade para a felicidade ou o caminho contrário. Além disso, ela pode representar diferentes tipos de caráter em seus personagens, no entanto, ela é a imitação das ações e não da qualidade de seus heróis.

“Por caráter o que nos faz dizer que elas têm tal ou qual qualidade. [...] A tragédia não é imitação de homens, mas de ações e de vida, [...] e a própria finalidade da vida é uma ação, não uma qualidade. Ora, os homens possuem tal ou qual qualidade, conformemente ao caráter, mas são bem ou mal-aventurados pelas ações que praticam. [...] Na tragédia, não agem as personagens para imitar caracteres, mas assumem caracteres para efetuar certas ações.” (VI, 1450a 16). Dessa forma, o caráter e o pensamento são definidos em função da ação, assim, o público se comove com a situação da personagem pois se identifica com ela, fazendo com que, por meio da catarse ou da racionalização das emoções que nos afetam, estas possam ser purificadas.

O mito é o enredo da tragédia, a composição de atos, constituindo, juntamente com as ações, a finalidade da obra trágica. Essa parte tão importante da tragédia pode ser simples ou complexa. A primeira ocorre quando o mito em que a mudança de fortuna ocorre sem peripécia ou reconhecimento, sendo peripécia a mutação dos sucessos no contrário, respeitando a verossimilhança e necessidade, ao passo que o reconhecimento é a passagem do ignorar para o conhecer, que se faz para a amizade ou inimizade das personagens que estão destinadas para a dita ou para a desdita. Por outro lado, o mito complexo é aquele em que a mudança de fortuna ocorre de acordo com o reconhecimento e a peripécia. Além disso, há uma terceira parte no mito nomeada de catástrofe, sendo essa uma ação dolorosa e perniciosa.

No livro “Introdução à mitologia”, José Benedito aponta ainda que há alguns elementos nos roteiros atuais que aumentam essa identificação, sendo eles a origem, separação, iniciação, queda e superação. Segundo o filósofo, na sua origem a heroína ou o herói devem ser desajustados de seu meio, uma vez que não têm controle absoluto de suas habilidades especiais. Após um acontecimento inusitado, há a separação para que a personagem busque se conhecer e assim, na iniciação, desenvolver seus poderes com o auxílio de um mentor. Ainda de acordo com José Benedito, é comum que haja a presença de *pícaros* “personagens cômicos que encarnam vícios como a mentira, a covardia, a preguiça, entre outros” e, aqui, pode-se citar o galinho Hei Hei de Moana.



Fonte: Moana - Um mar de aventuras, 2016

A queda seria o momento do desafio supremo para a heroína, o momento em que a personagem não consegue vencer e se encontra sem esperanças. Nesse momento, o herói pode estar sozinho, como afirma o autor. O orgulho do herói e suas decisões erradas são a causa da sua queda e, se no início da história o seu sofrimento deveria ser mediano, neste ponto da jornada, o sofrimento “deve ser profundo e poderá levar o público ao desespero”. Assim, sozinho e até sem seus poderes, na superação a personagem deverá lutar com o seu inimigo.

Dessa forma, José Benedito afirma que:

Os principais recursos que o herói utiliza para ultrapassar os limites são o seu caráter, sua virtude e seu senso de responsabilidade. Enfim, com os poderes especiais restaurados graças a sua atitude de humildade, elimina o mal, restaura a ordem e se redime diante de todos [...]. (ALMEIDA JÚNIOR, 2014, p. 72)

Portanto, a jornada heroica está presente em diferentes narrativas, mas com a mesma base proposta por Campbell, podendo apresentar os doze estágios da jornada, como é possível perceber no filme “O senhor dos anéis”, ou apenas uma forma mais geral como a exposta por José Benedito nos roteiros atuais. No entanto, como mencionado anteriormente, a jornada de Campbell pode ser percebida até na psique humana e, baseando-se também nos mitos, contos de fadas, símbolos ancestrais, antigas deusas, sonhos de suas pacientes e a psicologia Jungiana é que Maureen Murdock desenvolve a sua jornada na obra “A jornada da Heroína - A busca da mulher para se reconectar com o feminino”.

Na obra, Murdock, escritora e terapeuta, utiliza relatos de suas pacientes para ilustrar a jornada da heroína, que é, de certa forma, mais psicológica. Segundo a autora, essa jornada se mistura com a apresentada por Campbell, no entanto o principal desenvolvimento das mulheres nessa jornada é em busca do resgate da sua natureza feminina.

Capítulo 2: Análise do filme
“Moana - Um mar de aventuras”

“Eu sou Moana de Motunui, você vai embarcar no meu barco, cruzar o oceano e restaurar o coração de Te Fiti”

Moana de Motunui

No filme da Disney, “Moana - Um mar de aventuras”, há a presença da jornada heroica proposta por Campbell. Para uma melhor visualização da jornada, pode-se dividir o filme em três partes, sendo a primeira aquela que contém o chamado, o auxílio sobrenatural e a partida, ao passo que na segunda parte conta com a iniciação, o caminho de provas e a bênção última e, por fim, a terceira parte nos apresenta o retorno da personagem ao mundo comum.

A primeira parte pode ser observada nos primeiros 44 minutos do filme, aproximadamente. Nela o chamado é feito pelo mar logo no início do filme, com a Moana ainda criança e, é nesse momento que acontecem as primeiras interações entre a heroína e o mar, que, além de ser o território da sua jornada, também lhe oferecerá ajuda durante a sua jornada. No entanto, Moana é filha do chefe de sua tribo e, sendo assim, seu pai espera que ela seja sua sucessora e, apesar de sua imensa atração pelo mar e sua vontade de aceitar o seu chamado, a personagem é pressionada a ficar na ilha e seguir o destino que está, de certa forma, sendo imposto a ela.



Fonte: Moana - Um mar de aventuras, 2016

A luta entre a vontade de aceitar o chamado e a sua recusa é representada na primeira música do filme:

“Saber quem sou

Aqui sempre, sempre à beira da água

Desde quando eu me lembro

Não consigo explicar

Tento não causar nenhuma mágoa

Mas sempre volto pra água
Mas não posso evitar
Tento obedecer, não olhar pra trás
Sigo meu dever, não questiono mais
Mas pra onde vou, quando vejo, estou onde eu sempre quis

O horizonte me pede pra ir tão longe
Será que eu vou?
Ninguém tentou
Se as ondas se abrirem pra mim de verdade
Com o vento eu vou
Se eu for, não sei ao certo quão longe eu vou

Eu sou moradora dessa ilha
Todos vivem bem na ilha
Tudo tem o seu lugar
Sei que cada cidadão da ilha
Tem função nessa ilha
Talvez seja melhor tentar

Posso liderar o meu povo então
E desempenhar essa tal missão
Mas não sei calar o meu coração
Por que sou assim?

Essa luz que do mar bate em mim me invade
Será que eu vou?
Ninguém tentou
E parece que a luz chama por mim e já sabe
Que um dia eu vou
Vou atravessar para além do mar

O horizonte me pede pra ir tão longe
Será que eu vou?

Ninguém tentou
Se as ondas abrirem pra mim de verdade
Um dia eu vou saber quem sou”

A música, composta por Lin-Manuel Miranda e Mariana Elisabetsky, evidencia a vontade conflitante de Moana entre liderar seu povo e seguir o seu chamado. Entretanto, mesmo tentando recusar o chamado, a aventura começa a se aproximar cada vez mais de Moana a deixando sem saída, começando pela falta dos peixes e da escuridão da lenda que começa a afetar sua tribo. Segundo essa lenda, Te Fiti teria criado a vida no mundo por meio do poder de seu coração, que teria sido cobiçado e roubado por Maui, que faz isso numa tentativa de ser amado pelos humanos após ser rejeitado pelos pais e, por sorte, encontrado pelos deuses que o tornaram um semideus. No entanto, sem seu coração, a divindade criadora começou a morrer e, com ela, tudo o que havia criado, espalhando, então, uma terrível escuridão pelo mundo.

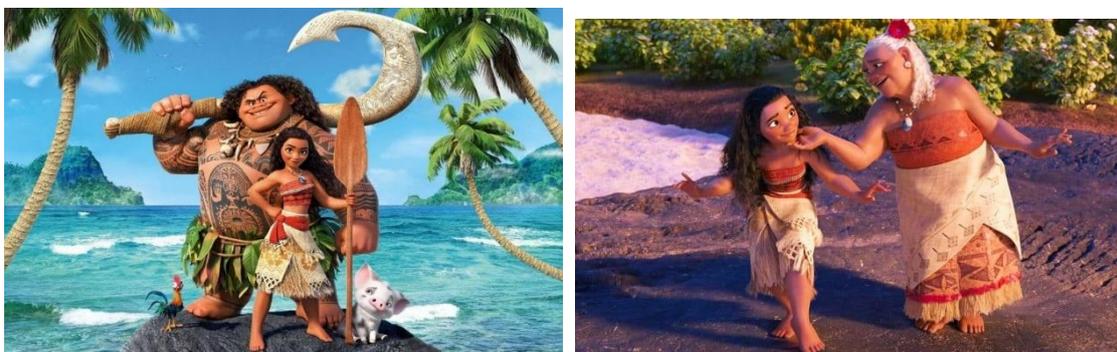


Fonte: Moana - Um mar de aventuras, 2016

Entretanto, o coração de Te Fiti foi perdido no mar e, sendo a Moana a escolhida do mar, a heroína deve restaurar o coração e salvar seu povo. Para isso, a personagem recebe alguns auxílios sobrenaturais. O primeiro auxílio vem do mar, que entrega o coração à Moana e a ajuda durante toda a sua jornada, pois, apesar de ser descendente de navegadores, a sua tribo perdeu esse conhecimento e, dessa forma, Moana nunca havia velejado e precisava aprender para seguir sua viagem. Sendo assim, a ajuda do mar foi muito importante em vários momentos.

A segunda ajuda que Moana recebe é de sua avó, que, ainda em vida, é a responsável por contar à heroína sobre seus antepassados e a lenda de Te Fiti, fazendo com que a heroína tivesse uma epifania e, de certa forma, por um curto período, fosse

transportada para a época de seus ancestrais. No entanto, na noite em que a personagem decide seguir o seu chamado, sua avó morre e é o seu espírito em forma de arraia que guia a heroína na passagem pelos corais que separam a praia da ilha e o mar aberto, ou seja, o espírito de sua avó a ajuda na travessia pelo primeiro limiar, iniciando sua aventura com a busca por Maui, seu aliado e sua terceira ajuda sobrenatural.



Fonte: Moana - Um mar de aventuras, 2016

A segunda etapa do filme tem início após os 44 minutos e acaba com 1 hora e 32 minutos, sendo marcada pela apresentação da iniciação da heroína, a passagem pelo caminho de provas e a benção última. Assim, logo após fazer a travessia entre o mundo comum e o território de sua aventura, Moana enfrenta o seu primeiro desafio, a falta de conhecimento náutico. Somada à sua falta de experiência na navegação, a heroína é atingida por uma tempestade que a faz naufragar em uma ilha que, por coincidência, é a ilha em que Maui está preso. Dessa forma, ao se encontrar com ele, Moana tenta convencê-lo a cumprir seu papel na lenda e devolver o coração que ele mesmo roubou, entretanto, Maui não está disposto a aceitar o seu chamado e tenta de toda forma se livrar da heroína, a deixando presa na ilha e até mesmo jogando ela no mar, por exemplo.



Fonte: Moana - Um mar de aventuras, 2016

Com a insistência de Moana e ao perceber que não conseguiria se livrar dela, ele aceita acompanhá-la. Assim, eles começam a passagem pelo caminho de provas que os

prepara para o seu desafio final, que é o encontro com Te Ka, o monstro de lava que está no lugar de Te Fiti. Dessa forma, o primeiro confronto deles é com os Kakamora, cocos piratas que os atacam com o objetivo de roubar o coração que deve ser restaurado.

Nesse momento, Maui se encontra sem seus poderes, uma vez que, durante o roubo do coração, a personagem perde seu anzol, sua arma que, inicialmente, lhe dá acesso a todos os seus poderes. Sendo assim, esse primeiro embate acaba sendo mais difícil do que deveria, tanto pela falta que os poderes fazem, quanto pela inexperiência de Moana em combates e no controle de uma navegação. Entretanto, apesar de tudo, a heroína faz o possível para ajudar Maui e aprender com ele durante a luta e, apesar da dificuldade, eles saem vitoriosos.

Para enfrentar Te Ka e devolver o coração de Te Fiti, Maui precisa de seus poderes, assim, eles vão em direção ao reino dos monstros, local onde vive o gigantesco caranguejo Tamatoa. Nesta segunda batalha, a vitória é ainda mais difícil de ser conquistada, uma vez que sem seus poderes Maui fica mais vulnerável aos ataques do caranguejo e o acesso ao seu anzol é extremamente complicado pois ele está sob posse de Tamatoa em seu monte de tesouros. No entanto, depois de muito esforço e trabalho conjunto entre a Moana e o Maui, eles conseguem recuperar o anzol, mas, por ter ficado muito tempo preso e sem os seus poderes, ele não consegue mais controlá-los perfeitamente.



Fonte: Moana - Um mar de aventuras, 2016

Como já foi citado no capítulo anterior, é comum que no primeiro encontro entre a heroína e a sua provação suprema, a batalha seja perdida, fazendo com que a confiança do herói ou da heroína seja abalada e isso também está presente na animação da Disney. Em seu primeiro confronto com Te Ka, Moana e Maui são derrotados. Durante a batalha, ao tentar ajudar seu aliado, Moana ignora seu aviso de perigo e dá abertura para que o monstro de lava destruísse parcialmente o anzol de Maui, fazendo com que ele, sem esperanças, desistisse da jornada.

Após serem derrotados, Moana e Maui, se afastam e, nesse momento de solidão, sem saber o que fazer para completar sua jornada, a heroína resolve devolver o coração ao mar e desistir de seu chamado. Nessa parte há a representação da queda, o momento em que a personagem não consegue vencer e se encontra sem esperanças. Essa derrota é consequência de suas decisões erradas e do seu orgulho e, sozinha, a personagem deverá superar esse momento e lutar com o seu inimigo. Nessa parte, geralmente, existe uma grande identificação entre o público que assiste a obra, uma vez que, esse momento de sofrimento e fraqueza da personagem suscita emoções de piedade e terror, que, como citado anteriormente, Aristóteles aponta como sendo sentimentos importantes na representação trágica.

No filme, para que a heroína continue sua jornada, o espírito de sua avó ressurge para lhe fornecer apoio e ajuda para recobrar sua autoconfiança, que pode ser percebida na reprise da música “Saber quem sou”:

“As respostas estão no horizonte, tão longe
Ninguém tentou, mas hoje eu vou
Meu destino enfim vai se cumprir, de verdade
Sozinha estou, pro mundo eu vou
Este é o meu dever que o futuro trás
Muito pra aprender, eu não volto atrás
Para o mar eu vou, encarar quem sou
Me atirar enfim
Ela vai ser a luz a seguir na noite
O mar chamou, agora eu vou
Essa lua no céu que me sopra a verdade
E logo eu vou saber quem sou”



Fonte: Moana - Um mar de aventuras, 2016

Após retomar sua autoconfiança e pegar o coração de volta, Moana decide, que mesmo sem a ajuda de Maui, ela irá restaurar o coração de Te Fiti e, dessa forma, volta ao encontro de Te Ka sozinha. No entanto, no ápice de sua luta, quando a heroína está quase sendo derrotada, Maui aparece para ajudá-la. Moana recebe também auxílio do mar para conseguir ter acesso a Te Fiti após ter o seu barco atingido e é nesse momento que Moana percebe que, na verdade, o monstro de lava Te Ka, é Te Fiti sem seu coração.

Assim, é, nesse momento que, como afirma José Benedito (2017), “os principais recurso que o herói utiliza para ultrapassar os limites são o seu caráter, sua virtude e seu senso de responsabilidade” e usando sua inteligência e tenacidade, Moana consegue se comunicar com Te Ka e devolver o coração de Te Fiti. Portanto, se a sua queda é causada pelas suas decisões erradas e seu orgulho, causando, muitas vezes, um afastamento entre a heroína e seus aliados, na superação a personagem “restaura a ordem e se redime diante de todos e, em especial, de sua trupe: mentor, pícaro e par romântico”.



Fonte: Moana - Um mar de aventuras, 2016

Desse modo, Maui e Moana recebem a benção final da deusa Te Fiti, o primeiro ganha um novo anzol enquanto a heroína recebe um novo barco para o seu retorno após completar a sua jornada. Ao voltar para sua tribo, Moana, com toda a sabedoria adquirida durante sua jornada, retorna como senhora dos dois mundos pronta para guiar seu povo pelo mar, seguindo a vida como seus ancestrais.



Fonte: Moana - Um mar de aventuras, 2016

Na animação produzida pela Disney, é possível perceber esse percurso padrão proposto por Campbell no qual há a saída do mundo comum, a iniciação, a provação suprema e o retorno. No entanto, pode-se fazer uma ligação entre a jornada representada no filme e aquela pensada por Maureen Murdock.

Segundo a pensadora, a sociedade atual é androcêntrica, ou seja, assume uma perspectiva masculina sobre a interpretação do mundo, assim, a separação do feminino, primeira etapa de sua jornada, começa na desvalorização da mulher e na sua comparação com o masculino. Assim, Murdock afirma que:

De acordo com Joseph Campbell, a tarefa do verdadeiro herói é romper a ordem estabelecida e criar a comunidade. Ao fazer isso, o herói ou a heroína mata o monstro do *status quo* [...]. Hoje, tanto mulheres como homens estão desafiando a linguagem e o pensamento patriarcais [...]. Mas no nível pessoal, a antiga ordem é incorporada pela mãe e a primeira tarefa da heroína em direção à individualização é separar-se dela. (M. MURDOCK, 2022, p.34)

Dessa forma, a jornada da heroína começa a partir dessa desvalorização feminina, a qual faz com que ela sinta a necessidade da separação da mãe o que, de acordo com Murdock, é um processo intenso para a filha, uma vez que ela “tem que se separar daquela que é como ela”. Entretanto, existem dois tipos de expressão do arquétipo de Mãe, a Grande Mãe e a Mãe Terrível. A primeira representa, segundo a escritora, a nutrição, o acolhimento e a proteção sem limites, ao passo que a segunda seria o sufocamento, a morte e a incapacidade de agir. Sendo assim, o perigo dessa separação entre a filha e a mãe está na rejeição da boa mãe e dos aspectos positivos da natureza feminina, criando assim um enorme distanciamento entre a heroína e as qualidades maternas que possui.

Nessa busca pela validação e aprovação, a menina se afasta da mãe e se aproxima do pai, havendo assim a identificação com o masculino e reunião de aliados. Na história de Moana é possível perceber o seu esforço em agradar o pai e conseguir essa validação masculina, o que, segundo Murdock, para muitos, aquelas mulheres que apresentam alto desempenho são consideradas “filhas do pai” e isso pode afetar sua capacidade de se relacionar com os homens e sua capacidade de buscar sucesso no mundo. Por ser uma animação infantil, não fica muito clara essa dificuldade em Moana, mas a sua recusa ao chamado pode ser interpretada como essa sua incapacidade em buscar seu sucesso por medo da reprovação de seu pai.

De acordo com a autora, “as normas masculinas se tornaram o padrão social de liderança, autonomia pessoal e sucesso, e, em comparação, as mulheres acabam sendo percebidas como carentes de competência, inteligência e poder”. Sendo assim, na busca da aprovação paterna, a filha “mede a própria competência, inteligência e seu valor próprio em relação a ele e a outros homens”, desenvolvendo positivamente o seu ego e criando a confiança de que, por serem aceitas pelo pai, também serão aceitas pelo mundo e é nesse momento que a heroína começa a ser testada.

Ao atravessar o limiar entre a segurança da casa dos pais, a heroína ingressa em um conflito interior quando seus “aliados” masculinos começam a tratá-la como inferior. Na jornada vivida por Moana, a passagem entre essa valorização que ela recebia de seu pai e a rejeição de Mauí em um primeiro momento pode ilustrar isso e, se na jornada proposta por Campbell o herói precisa sair do seu mundo para saber quem é, durante esses primeiros testes após deixar a segurança de seu lar, a mulher tenta compensar o fato de ser mulher buscando a perfeição ainda para ter a validação masculina.

Assim como na jornada do herói existe o sucesso após os primeiros testes, na jornada da heroína também há esse sucesso, mas é uma dádiva ilusória. A heroína enfrenta grandes provações, é subestimada e inferiorizada pelos homens, mas consegue sair vitoriosa, provando seu valor muitas vezes por meio da sobrecarga de trabalho e responsabilidades. No entanto, esse sucesso não é totalmente satisfatório e ela começa a perceber que suas vitórias são vazias, temporárias, ou fazem com que ela se traia, o que desperta sentimentos de aridez espiritual.

Nesse momento de descontentamento com seus sucessos é que vem a queda da heroína, é um período de crise, questionamentos e percepção de que suas características masculinas falharam. Murdock afirma que “a mulher investiu tanto tempo e tanta dedicação a seu percurso heroico que ela mesma se surpreende por não conseguir afastar a sensação de ter perdido algo importante da vida” e, é nessa parte da jornada em que a mulher sente a necessidade de se reconectar com o feminino.

De acordo com a autora, o corpo da mulher já foi equivalente ao corpo da Deusa, “a mulher era o receptáculo para o milagre da vida”, no entanto, houve a deposição da Deusa Mãe e a negação da santidade da natureza e, conseqüentemente, a do corpo. Essa mudança cultural influenciou todo o desenvolvimento das gerações futuras, a perda do poder associado à sexualidade feminina fez com que o homem assumisse uma posição de dominação em relação a sexualidade feminina, como afirma Murdock, mantendo, assim, a descendência patrilinear.

Margareth Mead afirma que o gênero é apenas uma construção social e, ao analisar o comportamento de homens e mulheres das tribos Arapesh, Mundugumor e Tchambuli, a antropóloga pode perceber os diferentes papéis sociais atribuídos aos gêneros e, dessa maneira, concluindo que as características psicológicas das pessoas não são inatas, mas sim padrões culturais repassados entre as gerações. Além disso, em sua obra “Sexo e temperamento”, Mead diz que “nossa sociedade atribui papéis diferentes aos dois sexos, cerca-os desde o nascimento com uma expectativa de comportamento diferente”, no entanto, entre os Arapesh ela pode perceber uma estrutura diferente.

A antropóloga encontrou homens e mulheres com papéis sociais e temperamentos muito parecidos entre a tribo dos Arapesh, ambos eram gentis, cooperativos e atentos às necessidades alheias. No entanto, a realidade era totalmente oposta entre os Mundugumor, que era um povo agressivo e violento, apesar disso, o comportamento também não se diferenciava em relação ao sexo. Na sociedade em que estamos inseridos o comportamento observado nos Arapesh geralmente é atribuído como uma característica feminina, ao passo que o temperamento agressivo do Mundugumor é encarado como uma característica masculina.

Por fim, na terceira tribo analisada por Mead, os Tchambuli, as atitudes masculinas e femininas eram bem definidas e distintas. Nessa tribo as mulheres eram protagonistas, sendo dotadas de poder dentro das aldeias; as principais fornecedoras de alimentos, também responsáveis pela pesca, por negociar o excedente em troca de outros víveres e pela produção da riqueza. Por outro lado, os homens, se dedicavam à arte e à estética, e eram emocionalmente frágeis.

Infelizmente, na maioria das sociedades a mulher foi colocada em uma posição de inferioridade e é por esse motivo, que a jornada da heroína se faz necessária para tantas mulheres. A partir do anseio por se reconectar com o feminino, a mulher começa a buscar por aspectos positivos e é nessa parte da jornada que a mulher começa a sua descida. Para Murdock, a mulher vai em “busca pelas partes perdidas de si mesma e de encontro com o feminino sombrio” e é nesse momento que a heroína enfrenta o seu maior desafio: experimentar a tristeza por sua separação com o feminino. A autora afirma que, durante esse estado de tristeza, a heroína precisa de apoio feminino positivo que a mantenha segura enquanto ela se liberta.

No filme, o momento de maior tristeza enfrentado por Moana é a sua queda após o primeiro confronto com Te Ka. Nesse trecho, a heroína se encontra sozinha, abandonado por seu aliado, desprovida de sua autoconfiança e se sentindo incapaz de conquistar a vitória, entretanto, ela recebe o apoio do espírito de sua avó, o apoio feminino positivo que a mantém

segura e a encoraja a continuar sua jornada. Assim como Murdock afirma que é necessário que a mulher entenda a culpa dos outros em sua tristeza, mas também assuma sua responsabilidade por ela, Moana também passa por esse processo e trabalha em sua autocura.

Ao passar por esse caminho, a próxima etapa é a cura da separação entre mãe e filha. A mulher começa a entender a relação da mulher com o feminino e passa a enxergar a mãe com outros olhos, buscando entendê-la e se reconectar com ela. Segundo Murdock, essa cura pode ser real na relação entre mãe e filha ou não, mas o certo é que a mulher começa a “acolher seu corpo e sua alma, resgatando seus sentimentos, sua intuição, sua sexualidade, sua criatividade e seu humor”, no entanto, a autora afirma que essa pode ser a parte mais desafiante da jornada, pois, para ela, é a ruptura mais dolorosa.

Após passar pelo processo de cura da separação com o feminino, a mulher precisa curar o masculino ferido. É nesse momento que a heroína faz as pazes com a contraparte masculina e percebe que o masculino não é apenas prejudicial, mas também possui virtudes. Segundo a autora, masculino e feminino não são gêneros, mas forças arquetípicas e, portanto, ambos podem ser encontrados tanto em homens quanto em mulheres. O problema está no desequilíbrio desses arquétipos, na qual o feminino se torna crítico e destrutivo enquanto o masculino se apresenta frio e desumano.

Ao entender o masculino, a jornada feminina chega a sua última etapa, a interação entre o masculino e o feminino. O equilíbrio entre as duas partes deve ser estabelecido, os problemas entre elas nunca serão completamente resolvidos, mas a “heroína compreende a dinâmica de sua natureza feminina e masculina e aceita os dois juntos”, acontecendo assim o que Murdock chama de casamento sagrado, a união entre o ego e o *self*, sendo esse o final de uma jornada que é percorrida durante toda a vida da mulher.

CONCLUSÃO

A jornada da heroína está só no início para muitas mulheres e, aquelas que já se entenderam nessa jornada, buscam incentivar um desenvolvimento feminino mais saudável nas meninas. Para isso, filmes com uma representatividade feminina forte são muito importantes, uma vez que a princesa deixa de esperar o príncipe e passa a ser a heroína da sua própria história. Assim, personagens como a Moana, a Elsa de Frozen e a Merida de Valente, por exemplo, podem ser figuras de grande influência na valorização do feminino na infância.

Além disso, a análise desse tipo de produção é importante para se entender as simbologias envolvidas. Podendo, assim, ser realizada a aproximação de conceitos filosóficos à percepção do grande público, fazendo com que aquilo que é pesquisado na universidade possa se mostrar presente e atraente para aqueles que não estão no meio acadêmico.

Portanto, as produções acadêmicas, filosóficas e aquelas feitas para o grande público podem estabelecer relações, contribuindo principalmente para que a filosofia se mostre presente no cotidiano por meio de produções como a animação da Disney analisada neste trabalho. Dessa forma, a filosofia e estudos desenvolvidos na universidade podem se tornar mais acessíveis ao público em geral.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA JÚNIOR, J. B. Introdução à mitologia. 1ª reimpr. da 1ª ed. São Paulo: Paulus, 2017.
- ARISTÓTELES. Poética. Tradução Eudoro de Sousa. 2. ed. Imprensa Nacional – Casa da Moeda. 1990. Série Universitária. Clássicos de Filosofia.
- CAMPBELL, J. O herói de mil faces. 14ª reimpr. da 1ª ed. São Paulo: Editora Pensamento, 2013.
- ELIADE, M. O sagrado e o profano: A essência das religiões. 4ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.
- FELIPPE, Mariana Boujikian & OLIVEIRA-MACEDO, Shisleni de. 2018. "Sexo e temperamento em três sociedades primitivas". In: *Enciclopédia de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <https://ea.fflch.usp.br/obra/sexo-e-temperamento-em-tres-sociedades-primitivas>
- MEAD, Margareth. Sexo e Temperamento. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- MOANA - Um mar de aventuras. Direção: John Musker e Ron Clements. Produção de Osnat Shurer. Estados Unidos: Walt Disney Animation Studios, 2016.
- MURDOCK, Maureen. A jornada da heroína: A busca da mulher para se reconectar com o feminino. Tradução Sandra Trabucco Valenzuela. 1. e. Rio de Janeiro: Ed. Sextante, 2022.

